

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

DELAINE DOS REIS DE OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR

Porto Alegre – RS

2010

DELAINE DOS REIS DE OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia à Distância da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. ^a Carla Beatriz Meinerz, Dra.

Tutora: Prof. ^a Márcia Sanocki Stormowski

Porto Alegre – RS

2010

DEDICATÓRIA

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar saúde, coragem e persistência para levar adiante este trabalho.

Especialmente ao meu esposo, pela paciência, e compreensão nos momentos importantes que não marquei presença.

A minha mãe, que aos 86 anos, me deu lições de vida, de coragem, luta e vitória.

A minha família pelo “Vai que dá certo”.

Ao meu genro, por fazer parte desta comunidade “que sofre” com minha ausência em momentos importantes da vida.

A minha filha, pela participação, presença e resignação.

A colega Giselda Nascimento Ritter, companheira de todas as horas.

Aos professores e tutores, especialmente Márcia Stormowski, Carla Beatriz Meiners, pela tranquilidade, apoio e paz que nos transmitiram durante todo o período que juntas passamos, nos orientando, elevando nossa estima, sempre acreditando no “Tu podes, tu queres, tu vais conseguir”.

Como homenageados especiais coloco meus alunos, meus anjos, minhas cobaias, co-autores deste trabalho.

MENSAGEM

Trabalhar, muitos trabalham.

Ter êxito no trabalho, nem todos conseguem.

Relacionar-se bem, com colegas professores, alunos e comunidades, é uma ciência e uma arte.

Ciência que nem todos aprendem a por em prática.

As boas relações visam atingir a riqueza do espírito.

O profissional que gosta do trabalho que realiza, vibra com o que faz, estabelece vínculos construtivos, consolidam a sim base importante no desenvolvimento pessoal e profissional.

Quem ama o seu trabalho faz o melhor.

Aperfeiçoa. Inventa coisas novas, novas técnicas e métodos novos.

Descobre novos caminhos, novas formas, novas embalagens, novo colorido, nova vida.

A felicidade criativa lhe brilha nos olhos, o sorriso lhe ilumina o rosto e, é nesse relacionamento que a aprendizagem se constrói.

RESUMO

Este trabalho tem como tema a influência da leitura de diferentes gêneros literários na melhoria da aprendizagem em alunos de séries iniciais, do Ensino Fundamental, cuja ênfase permeia principalmente a necessidade urgente de incentivar o educando a fazer uso da leitura de forma prazerosa e significativa, ler por prazer de ler, já que esta provoca a necessidade da compreensão e da interação com a sociedade e o mundo, enriquece idéias e experiências intelectuais, provocando o “eu” de cada um. O motivo pelo qual enfoquei esta temática foi a descoberta através da pesquisa e observação de como os alunos da quarta série de uma escola da rede pública de Ensino apresentam dificuldades de relacionamento com o mundo da leitura.

Aprender a ler não pressupõe só decifrar o código escrito, mas interpretar e compreender os textos de diferentes gêneros.

Apresento relatos e reflexões da minha experiência como professora de séries iniciais, ressaltando atividades realizadas durante o estágio curricular, com esta turma em estudo.

O aluno precisa ser incentivado, através de atividade questionadora, que favoreça a leitura como processo mental, oferecendo exercícios de interpretação e discussão sobre o que foi lido. (diálogo).

O trabalho com leitura possibilita os alunos a compartilhar saberes, tornando-os críticos, criativos e polêmicos, desencadeando assim o ensino aprendizagem, favorecendo a sociabilidade, o espírito cooperativo, elevando a auto estima , ampliando assim seus conhecimentos. Os resultados alcançados evidenciam o crescimento dos alunos no domínio de formas lingüísticas, necessárias a uma boa leitura, escrita e construção de texto.

Este trabalho enfatiza a importância da leitura e da escrita na aprendizagem de uma turma de quarta série de uma escola da rede pública, com a qual desempenho atividades. Num segundo momento retrata a leitura, a escrita e o letramento na rede pública de Ensino e a interdisciplinaridade como desafio na leitura e na escrita. Por fim, busca resgatar a importância da família no processo educativo.

O referencial teórico refere-se a um conhecimento sobre a importância da leitura, abordando o processo histórico da escrita e da leitura. O mesmo está sendo subsidiado por autores que abordam questões sobre leitura, como Ângela Kleiman,

Ana Teberosky, Luis Carlos Cagliari, Emília Ferreiro e Paulo Freire, além do trabalho desenvolvido durante o estágio curricular com uma quarta série, cujas evidências podem ser vistas nos anexos, os quais foram retirados dos registros do estágio e no blog <http://peadportfolio164305.blogspot.com>

Palavras-chave: escrita, leitura, aprendizagem, conhecimento.

LISTA DE ANEXOS

| | |
|--|----|
| Anexo 1 - Cartaz sobre direitos e deveres do alunos..... | 47 |
| Anexo 2– Desenho e texto livre..... | 47 |
| Anexo 3 - Fotos de pontos turísticos e reflexão da aula do dia 15 de abril (estágio curricular)..... | 47 |
| Anexo4 –História em quadrinho e reflexão do dia 05 de maio (estágio curricular)..... | 48 |
| Anexo 5– Portifólio escrito por aluno. | 49 |
| Anexo 6 – Representação da família, árvore genealógica e reflexão do dia 21 de abril. (estágio curricular)..... | 50 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 8 |
| 2. A LEITURA E A ESCRITA COMO PRÁTICAS COTIDIANAS E CULTURAIS NA ESCOLA E NA FAMÍLIA..... | 10 |
| 2.1 O impacto de um trabalho pedagógico que possibilita várias formas de escrita. | 11 |
| 2.2 O verdadeiro sentido do escrever..... | 13 |
| 2.3 A escola frente ao prazer da leitura e o ato de ensinar. | 14 |
| 3. LEITURA E LETRAMENTO NA ESCOLA PÚBLICA..... | 16 |
| 3.1 A escola pública e o uso da leitura como fonte de conhecimento. | 19 |
| 3.2 Interdisciplinaridade: o desafio na escrita e na leitura. | 27 |
| 4.IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO EDUCATIVO. | 36 |
| 4.CONSIDERAÇÕES FINAIS. | 40 |
| 5.REFERÊNCIAS..... | 45 |

1. INTRODUÇÃO

A leitura provoca a necessidade da compreensão e da interação com a sociedade e o mundo, enriquece idéias e experiências intelectuais, provocando o “eu” de cada um. O gosto pela leitura deve ser incentivado pelo professor e iniciado na sala de aula durante as séries iniciais, pois o indivíduo que lê contribui para seu enriquecimento pessoal. Nossas escolas ainda hoje, não dão o verdadeiro valor ao ato da leitura. Para mudar esta visão, a leitura deveria ser um processo ativo ao contrário do que muitos professores pensam. Este trabalho de conclusão do curso de Pedagogia procurará demonstrar através de estudos e experiências vividas em sala de aula, como as intervenções da leitura, através dos diferentes gêneros literários, influenciaram e contribuíram para avanços na aprendizagem em uma turma de 4ª série de uma escola pública (E. E. E. Médio Pastor Voges), no município de Itati. Esta escola atende uma clientela de aproximadamente quatrocentos alunos, distribuídos entre séries iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino médio.

Sou professora de séries iniciais, desde a década de sessenta, quando a crise da escolarização vem a ser a “crise da Leitura”. As normas de alfabetização mudaram. Até então se entendia que bastava o aluno conhecer as letras e decodificar palavras para dizer que estava alfabetizado. Após esta década a alfabetização começa a ser considerada também como uma área de ensino que merece uma formação particular e que não pode ser entregue a professores principiantes. Como iniciante, me sentia ofendida, pois acreditava trazer uma grande e expressiva bagagem de conhecimento adquirida no curso de magistério. Sabia alfabetizar, pois pensava bastar apenas ensinar a decifrar letras para assim montar a palavra e posteriormente a frase.

Durante nossa vida, todos erram algumas vezes, ou seja, pensamos ou agimos de certa maneira, que um dia, talvez precise ser revisto. Nos anos oitenta, temos a “inovação” do letramento, onde passaria a ser o estado ou condição que um indivíduo ou um grupo social passaria a ter sob o impacto dessas mudanças. Vários autores (KATO, 1987; KLEIMAN, 1995; SOARES 1996, 1998) observam que a diferenciação entre ser alfabetizado e ser letrado só recentemente se configuraria como uma realidade em nosso contexto social, com o primeiro referindo-se a

aquisição da leitura e da escrita e o segundo aos usos que se faz das mesmas enquanto práticas sociais.

Com o passar dos anos, após estas mudanças na educação e com a vasta experiência adquirida, sinto que ainda hoje, após quarenta e dois anos de efetivo exercício com séries iniciais, não estou totalmente preparada para, através da alfabetização, inserir meu aluno no mundo da leitura. Não devemos identificar leitura como algo decifrado e nem a escrita como cópia de um modelo, são enunciados que posicionam, localiza, definem e em alguns casos, regulam leitores e ouvintes. A escrita é considerada, por Ferreiro e Teberosky (1999) um sistema de representação da língua, cuja aprendizagem significa a apropriação e um novo objeto de conhecimento.

Neste trabalho serão utilizados autores que tratam sobre questões de leitura, como Ângela Kleiman, Bamberger, Teberosky, Geraldi, e outros, além do trabalho desenvolvido durante o estágio curricular com turma de 4ª série, cujas evidências podem ser vistas nos anexos e no <http://peadportfolio164305.blogspot.com/>

A criança vive e convive com uma sociedade letrada e tecnológica onde decifrar letras, palavras ou frases não satisfaz mais a necessidade do indivíduo e nem permite sua adaptação e convivência com este mundo. O aluno precisa ser letrado, pois mesmo antes de ingressar na Educação Infantil a realidade cria a todo o momento desafios que exigem uma visão mais crítica e ampliada sobre os recursos que se apresentam a nossa volta.

Percebo a necessidade de a escola adequar a ação pedagógica a essa realidade que nos cerca, visto ter o compromisso de formar cidadãos autônomos e críticos.

Aprender a ler não pressupõe só “decifrar o código escrito”, como interpretar e compreender os textos de diferentes gêneros: aprender a escrever envolve não só saber grafar o escrito, estabelecendo correspondência entre letra som, mas também estar apto a produzir textos para diferentes situações comunicativas.

Este trabalho de conclusão enfatiza a importância da leitura e da escrita na aprendizagem de uma turma de 4ª série de uma escola da rede pública.

Num segundo momento retrata a leitura e o letramento na rede pública de ensino, bem como a interdisciplinaridade, como desafio na escrita e na leitura. Por fim, busca resgatar a importância da família no processo educativo.

2. A LEITURA E A ESCRITA COMO PRÁTICAS COTIDIANAS E CULTURAIS NA ESCOLA E NA FAMÍLIA.

Atualmente os avanços no campo teórico, a revolução conceitual e a mudança no nosso conhecimento sobre as formas e os processos de ler e escrever são enormes. Desde Paulo Freire e seu entendimento da alfabetização como ação cultural, passando pelos estudos da sociolingüística, psicolingüística, até atingir a antropologia e a história da leitura, enfrentamos questões do então denominado letramento, que nos situam em outro patamar de reflexão, de discussão crítica e de proposição de políticas práticas.

O modo como o professor conduz à leitura de uma história, os questionamentos, a forma como é proposta a atividade são muito importantes no desenvolvimento do educando. A leitura realizada pelo professor, em sala de aula, é uma necessidade educativa; ao ler os mais diferentes tipos de textos, o professor está colocando seus alunos em contato com estes, oferecendo assim um modelo de como se lê.

A reprodução de contos e narrações orais apresenta grande valor na preparação da escrita, esta prática deve iniciar mesmo antes da criança ter qualquer contato com a escola, através dos pais ou de outro adulto, pois ao recompor, a criança deve ser fiel ao que ouviu, respeitando normas lingüísticas.

A maioria de nossos alunos sofre carência tanto afetiva quanto econômica, portanto distante do mundo dos livros, motivo pelo qual geralmente apresentam dificuldades ou resistência a este ato. Sabemos que a aprendizagem escolar nunca parte do zero. A criança começa a aprender muito antes de entrar para a escola. É sabido que não devemos considerar nosso aluno como “uma folha em branco”, pois todos trazem bagagem de conhecimentos, herdados de uma família, de uma cultura.

Desde o nascimento inicia-se um processo que acumula vivências, impressões e informações. Aprende com o adulto com quem convive, uma série de hábitos e valores através dos seus questionamentos, das respectivas respostas obtidas, acumulando assim uma variedade de conhecimentos.

O professor tem o dever de criar espaço para que estes saberes que a criança carrega consigo se manifestem, pois isso será uma ferramenta que ela utilizará para incorporar novos conhecimentos.

Durante um longo período as escolas ignoravam este conhecimento do aluno previamente elaborado, detinham-se em ensinar as letras, sílabas, palavras e frases descontextualizadas além de alguns textos em momentos estanques como se não existisse relação entre si.

Quando o educador trabalha a produção textual de modo adequado, conduz o educando a um universo mais amplo de informações e saberes, pois através desta irá construir seu conhecimento, não ficando apenas aceitando o que é informado pelo professor, passando então a entender a escrita como objeto social.

Ensinar a ler passa também pela ação de despertar o gosto pela leitura que proporciona o conhecimento produzido ou em produção. Como assinala Antunes (2003), o aluno ao ingressar na escola, deve ser orientado das vantagens de saber ler e de poder ler. O professor faria bem então em ajudar o aluno a construir uma representação positiva da leitura e dos saberes que ela confere ao cidadão.

Segundo Ana Mãe Barbosa, a não informação das classes populares pela elite, é uma constante no Brasil.

Acreditam as autoridades que os pobres precisam somente aprender a ler, escrever e contar. O que não dizem, mas nós todos sabemos, é que: quanto menos letrados forem, mais probabilidades terão em serem manipulados.

2.1 O impacto de um trabalho pedagógico que possibilita várias formas de escrita.

Se há uma educação qualificada, é a que permite ao ser humano o pensar. Um passo a mais que isso, já seria o educar para pensar, ou seja, não

apenas permitir, mas estimular e abrir caminho para que este ser possa experimentar e desenvolver o pensamento.

De acordo com Lipman (1995, p.11) “O fortalecimento do pensar na criança, deveria ser a principal atividade das escolas e não somente casual”.

O ser pensante, jamais poderá ser dispensado de pensar.

O adulto jamais poderá considerar como pensante apenas os seres humanos adultos, pois nunca se ouviu que nas origens do filosofar ocidental, os gregos tenham discriminado as crianças, visto que a característica de todo ser pensante é pensar.

Ao professor cabe oportunizar ao educando os acessos aos mais diferentes tipos de textos: informativos, literários, narrativos, discursivos... Para que assim possam compreender o seu papel na vida em sociedade e, conseqüentemente, nas suas vidas. No momento em que conseguirem fazer esta relação, terão muito prazer em ler e escrever.

Para que possa falar em conhecimento letrado é necessária a experiência com textos escritos. Supomos que a possibilidade individual de ouvir e ler textos não somente um, mas sim vários dentro da mesma classe, e a possibilidade de manipular os textos escritos inculca PATTERNS de linguagem cria modelos para a codificação da informação nos enunciados e permite o desenvolvimento do conhecimento dos gêneros que se apresentam apenas na modalidade escrita”. (TEBEROSKY, 1996, p.91).

Querendo que o aluno desenvolva de formas satisfatórias os temas apresentados em aula, é necessário oferecer oportunidades para que possa utilizar além do livro didático, novas fontes, recorrendo à leitura de jornais, revistas, além de consultas a internet quando possível. O registro escrito é uma atividade muito importante, pois é um excelente instrumento de sistematização do conteúdo, podendo ser proposta em diferentes situações.

Uma das funções do professor é construir para colocar seus alunos em estado de letramento, não se limitando, portanto, a ensinar a decodificar e ou a reproduzir o código lingüístico.

Um passo importante para que isso aconteça é a avaliação e ensino de estratégias de leitura. Avaliar os procedimentos da busca de sentido que os alunos costumam utilizar, incorporando-os à prática da leitura em sala de aula, bem como

contribuir com o ensino de outros procedimentos, são ações importantes para a ampliação de competência discursiva dos educando.

As estratégias de leitura que precisam ser ensinadas e desenvolvidas referem-se a processos cognitivos que ocorrem na mente do leitor.

O aluno precisa ler muito, pois é muito difícil ou quase impossível se escrever sobre um determinado assunto, quando pouco ou nada se sabe a seu respeito. Portanto, quanto maior experiência de leitura se tiver, mais fácil será o processo de produção textual. O papel do professor é contribuir para que a prática de ler e escrever seja para o aluno um ato de consciência, uma maneira de demonstrar o que se sabe do mundo, seja um ato de descoberta no caso da leitura e de revelação descoberta no caso da escrita.

Quanto mais ricas forem as experiências de leitura e de escrita, mais o educando estará próximo de atingir esse objetivo. “Aprende-se a escrever, escrevendo” É um pensamento amplamente conhecido, mas que traduz grande verdade.

2.2 O verdadeiro sentido do escrever.

Quando se entende que escritor é todo aquele que é capaz de escrever um texto adequado a um determinado fim, qualquer um pode ser escritor.

Mas escrever um texto coerente, que seja claro e objetivo, exige do aluno, domínio da linguagem escrita que, muitas vezes ele ainda não possui.

Segundo VIGOTSKY (1987), escrever não é simples transposição gráfica da linguagem oral. A criança tem que se libertar do aspecto sensorial da linguagem e substituir as palavras por imagens da palavra. A escrita também é um discurso interlocutor, dirigido a uma pessoa ausente, imaginária ou então a ninguém em particular.

Para se compreender melhor o fenômeno da escrita, é necessário pensar no aprender a ler e a escrever, ou seja, sobre a escrita: o que representa e como se representa graficamente a língua.

A escrita é considerada por Ferreiro e Teberosky (1999), um sistema de representação da língua, cuja aprendizagem significa a apropriação de um novo objeto de conhecimento.

Foi-se o tempo em que a leitura era considerada simplesmente um meio de receber alguma mensagem importante.

A aprendizagem da ortografia não é um processo passivo; é uma construção individual, para a qual a intervenção pedagógica tem muito a contribuir.

A ortografia funciona como recurso capaz de “cristalizar” na escrito, as diferentes maneiras de falar dos usuários de uma mesma língua. Conforme (MORAIS, 1998, p.19) “Escrevendo de forma unificada, podemos nos comunicar mais facilmente”.

Para que o aluno faça uso correto da escrita é necessário muito treino, pois é difícil alguém ter num primeiro momento um traçado correto da letra, permitindo ser lido por qualquer pessoa. O exercício das cópias diárias feitas por meus alunos é um testemunho de que quando se executa uma tarefa com parceria de proposta, deixa de ser ato “enfadonho”, passando a ser ato de prazer e aprendizagem.

Para começar a escrever, as crianças não precisam estudar a gramática, pois já domina a língua portuguesa na sua modalidade oral. “A dificuldade está simplesmente no fato de não conhecerem a forma ortográfica das palavras após seus primeiros contatos com o alfabeto” (CAGLIARI, 1994, p.122).

Tanto a ortografia como a gramática, ocupam lugar de destaque na sala de aula em detrimento da liberdade de expressão, do senso crítico e da criatividade. “Na maioria das escolas se apresenta a escrita como um objeto em si, importante dentro da escola, já que regula a promoção ao ano escolar seguinte, e também importante para quando crescer”. (FERREIRO, 1992, p.20)

2.3 A escola frente ao prazer da leitura e o ato de ensinar.

Na escola se aprende muito gramática e vocabulário; contudo, esta aprendizagem nada representa se comparada com o que se pode observar de forma natural e gratuita através da leitura popular e regular de livros.

Muitas vezes um texto precisa ser lido diversas vezes com abordagens diferentes.

Estas abordagens podem partir de uma leitura superficial para ficar com as principais idéias: uma mais lenta e detalhada enfocando as nuances do texto e uma leitura aleatória. Cada leitor tem sua forma de ler, mas o melhor método com certeza é lê-lo várias vezes.

Conforme CAGLIARI, “Na escola a leitura serve não só para aprender a ler, como para aprender outras coisas lendo. Serve ainda para se ensinar e treinar a pronúncia dos alunos no dialeto – padrão e em outras” (2004, p.172).

Ler não significa apenas pegar um livro e iniciar a leitura, deve ter um fundamento, pois quem lê, está dentro do mundo.

A linguagem humana não é um fenômeno desvinculado dos demais processos cognitivos e socioculturais.

Entendemos a linguagem como um processo que envolve cultura e sociedade, pois quando interagimos com pessoas de diferentes culturas, fazemos escolhas, conscientes ou não, adequadas a cada situação, levando-se em conta aspectos como: quem fala sobre o que se fala com quem se fala de onde se fala e com que finalidade se fala.

Por acreditar-se que a aprendizagem acontece em espiral, é que nossas atividades de leitura deve se preocupar em aprofundar e ampliar aspectos pertinentes à maturidade e às habilidades das crianças.

A leitura não é um ato isolado e nem acontece de um momento para outro, são necessários vários anos dentro de uma sala de aula para que isso ocorra. Na sala de aula, a leitura não pode ser uma atividade secundária, onde a professora cumpre o dever, dedicando “miseráveis” minutos a esta atividade.

As crianças podem ainda não saber ler nem escrever, mas produzem seus próprios textos, no momento em que pensam, falam e se expressam. Neste caso, cabe ao professor conhecer, compreender seus alunos, pondo em prática princípios básicos de ensino, que contribuam para o gosto e o desenvolvimento de hábitos de leitura.

Um dos papéis do educador é intermediar o contato com a escrita e a leitura, colocando o livro disponível para que seja manuseado de acordo com orientação regular do convívio com o material escrito.

Os livros colocam as pessoas em outros tempos, em outros lugares e, outras culturas, colocam em dilemas, vitórias, que talvez nunca pudessem imaginar que encontrariam. Os livros nos ajudam a sonhar e fazer sonhar.

Ao ler, reconhecemos através da visão o que está escrito ou pintado.

À leitura, podemos atribuir significados como decifrar ou interpretar o sentido, reconhecer, perceber e explicar.

Para que um emaranhado de letras, palavras e regras gramaticais tenham significado é primordial reconhecer códigos de linguagem.

3. LEITURA E LETRAMENTO NA ESCOLA PÚBLICA.

No início do ano, ao ser apresentada à turma da 4ª série de uma escola pública com a qual deveria desenvolver não apenas o estágio curricular, mas um trabalho durante o período letivo em curso, ao invés de começar dando conteúdo para pegar fama de “durona”, minha primeira atitude foi contar uma história. Meu objetivo primeiro era conhecer a realidade e o universo de meus alunos em relação à leitura, identificando sua afinidade com livros, observando seu poder de concentração, interesse e participação. A escola deve começar a ler para os alunos, o mais breve possível. No jardim da vida, a leitura é um dos principais nutrientes. “Quando esta é cultivada com dedicação, carinho e responsabilidade, os resultados são as mais belas flores”. (autor desconhecido).

É ouvindo histórias que se podem sentir emoções importantes, como tristeza, raiva, irritação, bem-estar, medo, alegria, descontração, tranquilidade e tantas outras mais e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez ou não brotar.

Os livros colocam as pessoas em outros tempos, outros lugares, outras culturas, outros jeitos de agir.

Se o professor lê para a criança, permitindo sua participação em todos os atos de leitura, está fazendo com que ela interaja com o conteúdo dos livros entrem em contato com a linguagem escrita e suas características.

Fanny Abramovich, em sua obra *Literatura Infantil-Gostosuras e bobices*, destaca que:

“O primeiro contato que a criança tem com a escrita é feita pela audição. Alguém lê a história para ela e, ao ouvir a criança entra no mundo imaginário. É capaz de enxergar os personagens, de sentir emoção. E como é importante para a criança ouvir histórias.” (1997, p.9).

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é antes de tudo aprender a ler o mundo com seu contexto, numa relação que vincula linguagem e realidade.

Percebendo interesse pelo que ouviam apesar de observar a distância que os separava do mundo da leitura, busquei através do diálogo mostrar a importância desta na vida, no dia a dia, seja na família, na escola ou na sociedade.

Resende (1993, p.18), “também concebe a leitura como possibilidade de abertura ao mundo e caminho para um conhecimento mais aprofundado do leitor sobre si mesmo”.

Devemos ensinar a ler e não a decorar a tabuada, ou o alfabeto, para repetições mecânicas sem significado.

A escola deveria, desde o ingresso do aluno, explicitar as regras do jogo. O aluno deveria saber, de fato, para que está na escola: para aprender. Isto não significa, absolutamente, que a escola deva ser um local árido, desinteressante. O ato de aprender e o gosto pela leitura podem, e devem ser estimulados pela sua própria natureza lúdica.

Precisamos conhecer nossos alunos, sua cultura, dificuldades, nível social, para que possamos aperfeiçoar nossas metodologias, através de diferentes atividades e gêneros literários, buscando satisfazer a todos de uma maneira individual, pois o que é bom para uns pode não ser para outros.

Como ponto de partida, para elaboração do planejamento da prática escolar, investiguei a bagagem de conhecimento que os alunos traziam de casa, pois as diferenças de contexto socioeconômico e familiar fazem com que as crianças tenham maiores ou menores oportunidades de participar de atividades sociais mediadas pela escrita. Não podemos esquecer que a aprendizagem se realiza por meio de confronto entre o que se sabe (conhecimento prévio) e a nova experiência que se vive (elemento novo).

A professora Ângela Kleiman lembra:

“O leitor utiliza na leitura o que já sabe o conhecimento adquirido ao longo da vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento lingüístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. (2000, p.13).”

Nenhum ser humano ignora tudo, assim como ninguém é dono do saber. Todos sabem alguma coisa, assim como todos ignoram certas coisas.

Para as crianças cujas famílias têm baixa escolaridade ou são analfabetas, a escrita pode parecer inútil porque elas não conhecem o “gosto da leitura” em casa.

De acordo com afirmação de Wells apud Curto (2000), as crianças a quem se leu contos em casa, estão em melhores condições para a aprendizagem escolar do que aquelas que não viveram esta experiência.

Para poder compensar essa desigualdade, as crianças devem estar constantemente em contato com a leitura, e isto deve ser oferecido pelo professor.

Juntamente com a turma, tracei metas para trabalhar com a diversidade de gêneros literários, com a finalidade de familiarizar os alunos com os diversos textos que se estão ao seu alcance, evidenciando em todos os momentos a função social da leitura e da escrita. O ato de ler e compreender o mundo são demonstrados por meio de hábito e atitude que consegue transformá-lo. É contextualizar texto, ler tudo que estiver a seu alcance, desde bula de remédio, revistas, calendários, textos bíblicos, livros didáticos, poesias, letreiros, revistas, jornais, etc. Tudo isso são procedimentos que utilizo diariamente em sala de aula, visando não somente despertar o gosto pela leitura, mas torná-los leitores competentes, apesar de que isto ocorre de acordo com as experiências anteriores de quem lê dos seus interesses e de suas capacidades cognitivas e lingüísticas. É importante que a criança seja incentivada à leitura visual, sensorial, ou sonora, ou seja, esteja atento a tudo o que ocorre ao seu redor.

Na escola, a criança deve crescer num ambiente em que sinta a presença da leitura e da escrita infantil, poesias, trava-línguas, enfim todo material capaz de despertar a motivação e formação de leitores, visto que esta é uma escada onde os degraus devem ser trilhados com cautela e persistência e, a boa formação do professor é fundamental nesse processo.

O desempenho em leitura é o resultado de uma combinação de fatores. Envolve desde a identificação da palavra até as habilidades de estudo, valorizando o vocabulário do leitor, a dicção e sua capacidade de compreensão do texto.

A leitura é fundamental para a aprendizagem de todos os conteúdos escolares sendo, portanto de responsabilidade dos professores de todas as áreas e não apenas recair sobre o professor da língua materna.

3.1 A escola pública e o uso da leitura como fonte de conhecimento.

Para realização deste trabalho, falo sobre a E. E. E. Médio Pastor Voges, no município de Itati, precisamente da 4ª série, com a qual desenvolvi meu estágio curricular e permaneço como titular.

De início, através de visitas periódicas à casa das famílias e diálogos com corpo docente realizei um período de sondagem, visando conhecer a realidade dos alunos em relação à sua familiarização com livros e interesse quanto ao mundo da leitura.

Após este período, por sinal, de grande valor e aproveitamento, busquei estabelecer parceria com estes, criando estratégias para melhorar ou sanar lacunas, dificuldades e deficiências encontradas neste universo.

Nossas escolas, principalmente as públicas, por mais que tenham sofrido transformações significativas nestas últimas décadas, ainda enfrentam problemas com professores que vêem a leitura como mero pretexto para o estudo de formas gramaticais descontextualizadas, quando a valorização da leitura permite que aluno domine não somente o código escrito, mas também outros mais bem elaborados.

Não podemos mais nos contentar com o simples ensinar a ler ao nível da decifração, mesmo porque este primeiro passo será aproveitado de maneira bastante diferente pelos alunos, dependendo da classe social a que pertença.

A motivação continuada é muito importante, pois sabemos que ninguém gosta de fazer, sempre tarefas que não consegue desempenhar direito, assim sendo, não dá para esperar motivação do leitor que ainda não domina a leitura.

Nesse sentido, cabe destacar a Lei nº. 9.394/96, (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB), que considera que:

[...] A decodificação é a competência central do processo de aprendizagem da leitura. Todas as outras competências estão ou associadas a ela, como pré-requisitos, como no caso da consciência fonêmica e do domínio do princípio alfabético, ou como decorrência, no caso da fluência, quando a decodificação se torna dispensável pelo reconhecimento das palavras. As outras competências, como vocabulário e compreensão são independentes da leitura da criança. (LDB, 1996: 41).

Para que isto aconteça, o currículo deve ser integrado entre o saber formal, portanto científico e o censo comum construído pelos conhecimentos apresentados pelos alunos, que muitas vezes, tem sua autoestima devastada, sentindo medo do ridículo, do desconhecido, sendo incapaz de reconhecer suas próprias qualidades e seu valor no contexto social, no grupo. Todas as formas de ler são relevantes, devendo, pois, ser contempladas.

Segundo Alves (2001, P.56), “ler pode ser fonte de alegria... [ler pode ser fonte da inteligência]”.

Na minha turma de quarta série, no início do ano era notável a deficiência na convivência dos alunos com o mundo da leitura, pois não demonstravam nenhum interesse por este tipo de atividade. Apresentei os mais variados tipos de textos (nas suas diferentes formas) para que pudessem conhecer suas características, refletindo à cerca deles, visando primordialmente despertar o interesse e o gosto pela leitura, visto que este hábito favorece o desenvolvimento de qualquer ser humano, sendo relevante para o processo educacional. Num primeiro momento, encontrei significativa resistência das crianças que, de modo geral demonstravam certa incapacidade de concentração.

Por alguns minutos fixavam o olhar aos livros, porém, dando mais atenção à imagem que se apresentava, do que propriamente ao texto escrito. Percebi então, que não bastava apenas oferecer materiais, as crianças precisavam ser envolvidas em práticas para aprender a usá-los.

Utilizei várias técnicas, tentando orientá-los, incentivá-los, despertando assim o gosto e a curiosidade em conhecer a história representada por letras.

Um livro pode não ser ilustrado, mas sempre tem algo interessante, um projeto gráfico formado por aspectos que constituem a visualidade da obra, de modo a contribuir para que o leitor se aproxime ou se distancie do texto. Portanto, ao abrir

uma página e formar uma ou mais personagens da história, assim como Fany Abramovich menciona que ouvir histórias, é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento.

Organizei um espaço destinado à leitura, de maneira extremamente acolhedora, permitindo que o aluno escolhesse o livro de sua preferência, dialogando com os colegas. Mesmo assim muitos ocupavam todo o tempo folheando os livros, olhando as gravuras e acabavam por dizer que não haviam gostado de nenhum.

A razão de tal ato tende a estar associada com a estranheza da criança para com a linguagem artificial dos livros.

Sabe-se que a própria criança é quem deve julgar se os textos ou atividades são demasiadamente difíceis ou entediante.

Procurei entender os fatores que tornavam a leitura difícil, desinteressante, já que buscava deixar a criança à vontade, criei novas maneiras para incentivá-los, mas pouco progresso foi alcançado.

Através do diálogo, iniciamos um trabalho com as experiências diárias vivenciadas pelos alunos, possibilitando partir do concreto para chegar a uma compreensão significativa da realidade.

Paulo Freire afirma “O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual” (p.14).

Sempre respeitei a individualidade das crianças. Porém com o passar dos dias, esta situação foi se tornando preocupante. Parti para outra: precisava descobrir que tipo de leitura interessava à turma.

Associando o ato de ler com a escrita, combinamos que diariamente eles fariam em casa, em um caderno específico, a cópia de um texto por eles escolhido, disciplina que desejassem e que na próxima aula a professora faria a correção, destacando os erros, para que posteriormente fosse feita pelo aluno a correção final, sendo então, lido diante da turma. Estes alunos não recebem nada pronto, ao contrário, são provocados a construir seu próprio conhecimento, chegando à suas

próprias conclusões. Certamente a criança a quem é imposta uma cópia ,reclama, torce o nariz e copia por copiar, sem interesse, sem objetivo.

Num primeiro momento pode parecer chato, enfadonho e até antedidático, mas o ato de transcrever um texto seja ele escolhido pelo professor ou pelo próprio aluno, para uma posterior correção e leitura, exige que o aluno se concentre para ser fiel às palavras, e à pontuação.

O objetivo das cópias é fazer com que o aluno aprenda a ler e escrever copiando. A cada cópia, procurava-se tirar uma mensagem, algo que leve a uma aprendizagem concreta.

Segundo Lajolo: “É importante aprender a ler com ritmo e entonação adequados”. (1994, p.28). Hoje são raras as pessoas que conseguem fluência e vivacidade numa primeira leitura, melhor é ensaiar previamente.

O exercício feito pelo aluno através da leitura oral, obedecendo ao ritmo do texto escolhido, fez com que aumentasse a autoestima e a autoconfiança.

“A maior capacidade para verbalizar o conhecimento e os processos envolvidos numa tarefa é consequência de uma prática discursiva privilegiada na escola, que valoriza não apenas o saber, mas o saber dizer”. (KLEIMAN, 2006).

Na aula seguinte, para minha surpresa, apenas quatro entre os dez alunos haviam copiado textos de livros diferentes, os demais copiaram do livro didático, por ser o único material disponível em casa.

Compreendi então, o desinteresse pela leitura e a falta de concentração, já que só gostamos daquilo que conhecemos que nos é familiar.

Passei, a partir daí a oferecer material diversificado, permitindo então o contato da criança com “objeto” escrito; estimulando assim integração com os mais variados contextos.

Com a oferta de diferentes livros de Literatura Infantil, gibis, revistas etc. as cópias diárias passaram a ter um papel significativo na vida das crianças, gerando discussões e polêmicas.

Muitas cópias foram lidas, outras declamadas, algumas cantadas, dependendo da escolha feita. O momento de leitura diária serviu de estímulo, pois as crianças passaram a defender seu ponto de vista, relatar acontecimentos reais ou apresentavam relação ao que fora copiado, lido, formulavam perguntas, adequando a fala, a diferentes situações formais, utilizando assim a linguagem oral com mais

fluência. Aos poucos foram observando a pontuação, a postura diante da turma e o tom de voz. Passaram a obedecer ao ritmo do texto.

É de fundamental importância ressaltar que este tipo de atividade alcançou maior sucesso entre os poucos alunos acostumados a conviver com livros, e os que tinham pais letrados, mas o principal fator positivo foi o crescimento e o resultado alcançado por aqueles que pela primeira vez estavam diante de diferentes produções textuais e, com elas, conviviam de modo harmônico.

Segundo Geraldi (1984), a característica básica ante o texto é o objetivo do leitor, ou seja: o leitor deve extrair do texto uma informação. Sabendo fazer isso, já é um grande passo para que o leitor comece a ter gosto pela leitura.

Muitas vezes a leitura se torna uma tortura, porque a falta de informação e imaginação não é percebida no texto que está sendo lido. Nas escolas, por exemplo, muitas vezes não há estímulo à leitura. O professor manda o aluno ler um livro por semana para realização de uma posterior atividade e, esta não chega a acontecer, desestimulando assim a realização da atividade e o gosto pela leitura.

A leitura para posterior atividade é muito usada por esta turma da 4ª série, como mestre mediador, dialoga com os alunos, peço para que contem sobre o que leram destacando partes que mais gostaram ou não, argumentando sobre esta escolha, pois sabemos que durante o diálogo entre professor e aluno, na discussão sobre o livro, que se esclarecem fatos obscuros que surgiram durante a leitura do aluno de forma isolada.

Esta técnica de trabalhar o livro, ou texto sugerido, produz grandes e excelentes resultados, como avanço no vocabulário, poder de comunicação, autoestima, autonomia e o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo.

É comum ainda hoje encontrarmos alunos de séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, bem como do Ensino Médio lendo reportagens em jornais, textos bíblicos, artigos em revistas, cartas, sem entender o que está sendo lido. São considerados alfabetizados, mas na realidade se encontram em fase de alfabetização.

Acredito que a causa principal desta dificuldade é o domínio imperfeito da mecânica da leitura, já que o conhecimento é subsídio para o desenvolvimento do ensino aprendizagem.

Para ler bem, é necessário que a escrita se apresente de forma correta, bem como os sinais de pontuação.

O livro para esta turma de 4ª série se potencializa como realidade intermediária e suporte para o saber, servindo como ferramenta para diálogos orais, poéticos visuais, jogos e brincadeiras.

Estes alunos, bem como suas famílias estão conscientes da importância do ler, escrever e produzir texto, do valor dado a este tema, da utilização desta como principal fonte de conhecimento, não significando, no entanto, que deixará de ser explorado noções básicas de gramática, ou que alguma outra disciplina será prejudicada, pelo contrário, todas serão privilegiadas com o domínio da leitura, pois desta virá à interpretação e, por conseguinte, a aprendizagem.

A partir do trabalho que está sendo realizado com a 4ª série, a escola montou o projeto “Leitura na escola”, despertando assim, o interesse e o gosto pela leitura em todas as séries.

Até então, segundo palavras da coordenadora pedagógica “os alunos não tinham prazer em ler, pois conforme a metodologia da escola, não era trabalhada leitura de modo prazeroso; por isso não foi vencido ainda o obstáculo de trabalhar o grande desafio de ensinar a ler por ler, ler por prazer”.

De acordo com Zenti (2006, p. 30), ao professor cabe ensinar à criança o “caminho das pedras”, ou seja, ensina-lhe que é possível atingir alívio, autoconhecimento, segurança e alegria por meio da leitura, que passa a ser uma boa companhia. O livro deve ser um objeto tratado com familiaridade e respeito.

Sabemos que todo conhecimento, bem como todas as atividades passam pela leitura e pela escrita, não apenas ao que se refere à literatura, mas também física, matemática, história, artes, enfim todas as disciplinas. É comum quando surgem problemas de aprendizagem, a responsabilidade recair única e exclusivamente sobre o professor de língua portuguesa ou de literatura, se for o caso. Isto não ocorreria, se todos os professores usassem a leitura e a escrita em sua vida profissional, como atividade principal, pois assim estariam formando alunos pensantes, leitores interpretativos e, por conseguinte, sem problemas.

A leitura é trabalhada pelos professores e vistas pelos discentes como algo “massacrante”, imposta pelos mestres, é o que expõe Kleiman (1993). Este conceito é formulado, por ser este tema trabalhado de maneira errada desde as séries iniciais. A escola trabalha quase que exclusivamente com o uso do livro didático, em que o texto é apenas um conjunto de elementos gramaticais, trabalhados isoladamente, fora do contexto, ou melhor, extrai-se a mensagem do

texto através do entendimento e do domínio de cada palavra, uma por uma. Outra falha lamentável ao desenvolver o tema “leitura”, é o uso do questionário, onde as perguntas exigem respostas explícitas no texto, sem qualquer liberdade de interpretação.

O professor ao praticar este tipo de atividade, além de exigir do aluno a prática de resolução mecânica, onde o direito ao raciocínio, imaginação e interpretação lhe é negado, demonstra certo descaso com o autor, afinal o texto foi criado para que os leitores se transportem para a ficção e/ ou realidade, muitas vezes usando suas próprias experiências.

O educador precisa tornar-se um investigador crítico, reflexivo, criativo, articulador e principalmente, parceiro de seus educandos no processo de aprendizagem. Nesta nova visão, o docente precisa mudar o foco do ensinar e passar a preocupar-se com o aprender e em especial o “aprender a aprender”, abrindo caminhos coletivos de busca que subsidiem a produção do conhecimento do aluno.

Muitas vezes, a má elaboração do livro didático, onde o que menos se encontra é proposta de produção de texto escrito, ou seja, os livros didáticos não seguem o padrão eficaz da leitura, os textos isolados e com conteúdos não condizentes com a região onde vai ser usado, torna difícil ou quase impossível à compreensão dos alunos perante essas produções, rompendo o desenvolvimento do incentivo à leitura.

Cabe ao professor educador, selecionar apenas textos bem redigidos, coerentes e completos, trabalhando de forma interativa para despertar o gosto pela leitura.

Apesar da má elaboração de alguns livros didáticos, distanciando-se da realidade do aluno, isto não justifica negar a forma positiva como é visto, podendo ser readaptado pelo professor, passando a ser considerado uma parte do processo de construção do conhecimento, que leva o educando a exploração, ao contato e a reflexão sobre produção de texto e conhecimento de outras realidades. O que citei como erro, pode e deve ser trabalhado de forma construtiva, a fim de que os alunos explorem e aproveitem o máximo suas possibilidades de aprendizagem.

Os alunos dominarão a escrita, resolvendo questões práticas, tendo acesso à informação e às formas superiores de pensamento, podendo assim desfrutar da literatura.

O caráter impositivo e obrigatório antes usado, onde a criança lia um texto do livro didático nos leva a ouvirmos a cada tentativa de leitura, expressões como: De novo! Ah! Não!

Isto se deve ao fato de não conseguir entender o real significado da leitura ou pela banalidade das perguntas. Não podemos esquecer que uma atividade desgastante ou repetitiva, em vez de gerar prazer, transforma-se em algo traumatizante, podendo acarretar o afastamento do ato de ler na idade adulta.

Se o aluno é capaz de compreender o que o outro lê, isto é uma leitura. Desta forma é que se forma o leitor.

Quando a criança é capaz de ler textos simples ou mais complexos, o professor deve ampliar seu repertório de conhecimento apresentando diferentes tipos de leitura, como jornais, poesias rimadas ou não, contos de fada, lendas, parlendas etc., pois a criança irá entender que existem textos simples e complexos, curtos e compridos, emocionantes ou divertidos, e que vale a pena se esforçar por entender, pois assim se apropriará do texto escrito.

O procedimento de interpretação de texto que costumo utilizar vai muito além de perguntas óbvias, questionamentos inúteis ou as cansativas fichas de leitura. Busco aplicar um trabalho sério, porém prazeroso, como discussão do tema com os alunos; recontagem oral da história à sua maneira, resumo do texto, transformar o que leram em dramatização; representar a história através de desenho.

A reconstrução oral de contos e narrações, também, é de grande valor na preparação da escrita. Ao recompor, a criança deve usar de fidelidade ao que lhe foi lido, respeitando as formas lingüísticas. A leitura feita pelo professor ou por qualquer adulto tem que ser clara e “limpa”, pois ao reescrever um texto a criança terá que conhecê-lo realmente, isto é analisá-lo e interpretá-lo. “A atitude de imitar um modelo permite às crianças toda uma série de manipulações do texto que, por um lado, estimula-as a ir além da interpretação do texto transparente e, por outro, liberta-as momentaneamente de qualquer propósito comunicativo.” (TEBEROSKY, 1996, p.101).

É missão do professor, encorajar seus alunos tanto a ler, escrever, como a desenhar, oferecendo-lhes oportunidades tempo e materiais para que produzam.

Eu, que trabalho com crianças, bem como todo professor de séries iniciais,

Deve estar atento à responsabilidade da nossa presença que tanto pode ser auxiliadora no processo de aprendizagem como pode virar perturbadora, prejudicando o aluno.

Através da minha presença marcante como incentivadora e responsável pela causa da educação, esta turma de alunos se tornou aos poucos leitores assíduos e verdadeiros “escritores” de textos criativos, imaginários ou com tema sugerido. A cada dia me surpreendo com criações de textos dos mais diferentes gêneros literários, onde fica evidente o crescimento de vocabulário, a descoberta pela arte e a descoberta de dons.

Sou educadora por vocação, adoro o que faço, me sensibilizo com o crescimento do ser humano e me glorifico com suas vitórias. Por isso continuo oferecendo farto e variado material de leitura e pesquisa, pois acredito que de tudo se pode tirar uma mensagem para a vida. Nenhum texto é impossível ser interpretado, o que pode ocorrer é diferentes interpretações, de acordo com o conhecimento e a idade de quem lê. Segundo Kleiman: “Porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, que a leitura é considerada um processo interativo”. (1999, p.13)

A produção textual, quando trabalhada adequadamente, leva o educando a um universo mais amplo de informações e saberes, pois através dela ele estará construindo seu conhecimento.

O ensino da língua portuguesa deve ter como finalidade o desenvolvimento da capacidade de representação e comunicação, ou seja, capacidade de interpretar e produzir textos tanto orais como escritos, de uso social, satisfazendo assim necessidades pessoais do indivíduo permitindo a inclusão e participação no mundo letrado.

O texto, comprovadamente é a unidade básica do ensino.

De acordo com Marta Durante, “Para produzir um texto, temos que pensar sobre o que vamos escrever qual a forma mais adequada, escrever, ler, corrigir, reler, reorganizar para que fique cada vez melhor e mais próximo do que queremos comunicar”. (1998, p.32)

3.2 Interdisciplinaridade: o desafio na escrita e na leitura.

Apesar dos meus alunos estarem numa faixa etária entre nove e dez anos, ainda é necessário utilizar diferentes práticas de leitura como: leitura em voz alta feita pela professora, complementada por atividades de compreensão, como desenhar, dramatizar ou narrar o texto. Sabe-se que esta técnica deveria ser utilizada com crianças na faixa etária entre seis e sete anos, no período de alfabetização, porém o pouco ou nenhum contato com livros em casa e nas séries anteriores faz com que não tragam subsídios suficientes para trabalhar com obras de referência como Atlas e dicionários.

A leitura é uma ação reflexiva, de onde se extraem informações favorecendo a vantagem do livre arbítrio e do exercício do espírito crítico. Tomar conhecimento do contexto através da leitura e reconhecer a mensagem que o autor quer dizer é ir além da simples decodificação da palavra.

Uma paisagem, um fato, uma gravura qualquer passou a motivar a turma a criar um texto, começou então o uso de procedimentos de escrita, ou seja: planejar o que escrever fazer rascunhos, reler e revisar.

Os livros de literatura infantil, revistas, gibis, enfim todo material de leitura está à disposição do aluno, pois de acordo com Lajolo (1986, p.57): “É preciso que as crianças tenham chance de escolha, pois a proximidade física e afetiva entre livros e crianças é essencial para a meninada descobrir a leitura”. Busco fazer com que a criança compreenda que a leitura é uma ferramenta que lhe permite descobrir o mundo, é uma herança maior que qualquer diploma.

“As crianças colocadas em condições favoráveis de leitura adoram ler. Leitura é um desafio para os menores, vencer o código escrito é uma tarefa gigantesca”. (PERROTI 2006, p.18).

A leitura é um meio de lazer e informação, é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto lido. Para Ferreiro e Teberosky, a causa principal das dificuldades de compreensão do conteúdo da leitura é o domínio imperfeito da mecânica da leitura.

Iniciamos com a leitura oral, pois geralmente existe grande preocupação com o gostar ou não de ler, porém não entendem que este gosto deriva do contato com a diversidade de gêneros literários. Para que o aluno venha a gostar de ler é indispensável tomar contato com leituras dos mais diferentes níveis e assuntos.

Pela leitura oral, com o aluno fazendo a reprodução do texto original, estará treinando a concisão e a objetividade, visto que a fala já está explícita.

A leitura e a interpretação são utilizadas nesta turma, não apenas na área da Língua Portuguesa, mas em todos os campos do aprendizado escolar. Na matemática, por exemplo, havia muita dificuldade na resolução de problemas e foi detectado que não era falta de conhecimento de operações matemáticas, mas sim a de interpretação de situações problemas ou das ordens dos exercícios. Isto é mais uma prova de que devemos atribuir uma atenção especial a este assunto.

Ao trabalhar leitura, tenho em mente a formação do indivíduo autônomo. O ato de ler e contar história devem estar presentes no cotidiano de toda criança.

“A leitura descontraída e dinâmica repete o que ocorre do lado de fora da escola (em que as pessoas comentam o que lêem)”. (CRIVELARI, 2006, p.360).

É assim que deve ser sempre. Nesse processo de aprendizagem, cabe ao professor provocar, instigar, fazer relações com outros textos e utilizar as reportagens para construção do saber. Informação sozinha não é nada. Informação aliada ao trabalho docente é conhecimento. A leitura quando compartilhado é um importante momento.

Partindo da premissa de que a informação aliada ao trabalho docente é conhecimento, para dar prosseguimento ao estudo de história na Interdisciplina de Estudos Sociais, busquei com os alunos, realizar o Estudo do Meio. Queria conhecer e fazer com que o aluno realmente conhecesse o meio onde vive e convive.

Estudamos a comunidade escolar, buscando saber dados sobre o patrono da escola, data de criação, nomes dos últimos diretores, nome do diretor atual, bem como professores, funcionários e número de alunos.

Convidamos a diretora para dar informações sobre gestão escolar, já que em breve teríamos eleição para diretor. A partir daí, montamos textos, que traziam idéias do atual diretor, para que posteriormente comparássemos com as propostas dos candidatos.

Analisamos as atitudes do diretor em relação à escola e os alunos, fazendo cartazes com frases alusivas a direitos e deveres do aluno, que foram fixadas nas paredes da escola.

Seguindo, vamos ao estudo do Município, buscando relacionar passado e presente. Visitamos pontos turísticos e históricos como; ponte pênsil, casa de enxaimel, escolas municipais, igrejas, engenhos de cana de açúcar, bem como a “figueira”, marco histórico. Durante os passeios dialogávamos entre nós e com

peças que encontrávamos, anotávamos e, de volta à escola, elaborávamos textos coletivos. Muitas dúvidas surgiram e muitas certezas se confirmaram.

Depois de muito diálogo, da insistência em conhecer mais, da necessidade de ver explicadas dúvidas e confirmadas certezas, decidimos por convidar os avós de um destes alunos para palestrar, dando explicações sobre escola, métodos de ensino, punições, material didático, direitos e deveres do aluno e do professor, comércio, meios de transporte, habitação, meios de comunicação, na época em que eram crianças, fazendo um comparativo com a atualidade permitindo assim, que os alunos e professora conhecessem fatos até então ignorados.

Durante o tempo em que o casal palestrava, os alunos ouviam, questionavam opinavam, criavam hipóteses, se emocionavam, porém num clima de educação, respeito e comprometimento. Foi um momento marcante na vida e na aprendizagem dos alunos, do casal de avós e da professora. Ao término da aula, um dos alunos leu uma mensagem de agradecimento, idealizado por ele.

Esta atividade serviu como elo entre escola, família e comunidade, pois apresentou necessidade de pesquisa sobre dados apresentados, indo buscar subsídios em livros como “Raízes de Terra de Areia”, município mãe do município estudado. Deixamos de lado a decoreba para dar lugar a uma aprendizagem sólida e interpretativa.

Um fato, uma foto, uma gravura ou uma notícia passou a ser objeto de motivação para estudo, criação de texto, iniciando então o uso de procedimentos de escrita, ou seja: planejar o que escrever fazer rascunho, reler e revisar.

A escola chega até a ensinar a ler e escrever, mas muitas vezes mecanicamente, uma leitura e uma escrita dissociadas do mundo, sem significado, sem razão de ser, quando sabemos que a curiosidade é o ponto de partida para a aprendizagem. Para que este quadro seja alterado ou totalmente mudado, é necessário desenvolver no cotidiano de nossos alunos uma atitude geral de curiosidade, sobre a língua escrita.

Acreditamos que a manifestação mais evidente de dificuldade é a falta de interesse pela leitura e a escrita. A escola contribui para aumentar essas dificuldades ao oferecer, frequentemente um leque reduzido de possibilidades de leituras e de temas de redação. Se a escola oferece um conjunto restrito de possibilidades do uso da leitura, as crianças com dificuldades também reduzirão o uso da escrita. Em suma evitarão ler e escrever. (TEBEROSKY 1993, p.105).

Segundo Monteiro (1999), é importante que a escola crie oportunidades para que o educando possa fazer suas descobertas, para então sistematizá-las de modo tranqüilo e agradável. Não existe melhor forma para sistematizar aspectos da língua do que levar a criança a ler, escrever pensando sobre o que lê e escreve.

Gonçalves 1997 em um dos capítulos de seu livro retoma a má elaboração do livro didático, onde o que menos se encontra é proposta de produção de texto escrito, ou seja, os livros didáticos não seguem o padrão eficaz da leitura.

Em nossa sala de aula foi liberado um período de 40 minutos semanais para trabalhar exclusivamente a leitura. Depois de ouvir histórias, os alunos sob a orientação da professora, fazem teatro ou participam de brincadeiras relacionadas com o que leram ou ouviram. Neste novo espaço, as crianças podem ler sentadas no chão, em grupo ou ainda no pátio da escola. Nossa sala de aula ganhou um novo aspecto, as paredes estão repletas de cartazes, frases soltas, fragmento de textos interessantes, desenhos. A idéia é fazer com que a palavra escrita invada as paredes da sala para aproximar os textos estudados, da turma de colegas do turno inverso, tentando incluí-los também no mundo da leitura.

Os resultados já podem ser vistos, as crianças procuram saber a respeito dos desenhos, das frases e estão sugerindo à professora, hora do conto e da leitura, acompanhada de trabalhos criativos em substituição ao xérox. Após tanto tempo como professora, estou aprendendo a aproveitar melhor a história, a criar atividades e a motivar os alunos para a leitura.

Hoje, os alunos conseguem criar em grupo uma história, que depois de planejada é escrita, desenhada em folhas de ofício para assim formar um livro. O livro depois de pronto fica exposto na sala para que seja lido por outros alunos. Criar histórias é experiência de vida, de troca, de alegria de inventar com os outros personagens, cenários, situações novas e inusitadas, além de favorecer o sentimento de autoconfiança, onde professor e alunos podem trocar fantasias, sonhos, medos, dúvidas e sugestões.

Ler, então, é textualizar e compreender o mundo fora das paredes da escola. Ler é sensação prazerosa diante do mistério e da surpresa que cada história traz, é a magia que a envolve. É a busca do conhecimento por meio de esforço e dedicação. É uma força capaz de transformar a realidade.

Tanto na escola como em casa, estes alunos estão manuseando livros, inclusive introduzindo o hábito de ler ou ouvir história entre a família.

Motivada com o interesse dos alunos pela leitura, decidimos criar na sala de aula uma “gibiteca”, onde cada aluno traria os gibis que conseguisse. Escolhemos um colega para ser o “gibitecário” para fazer o controle de retiradas e devolução dos mesmos, criando assim espírito de cooperativismo, responsabilidade e participação.

Esta atividade foi acolhida de forma prazerosa visto que aprender a ler vai muito além de codificar palavras em um texto. Após alguns dias de experiência com a leitura de gibis, motivados com as leituras em quadrinhos, decidimos convidar um colega da sexta série, meu ex-aluno, para passar informações de como montar história em quadrinhos. De início tiveram dificuldades em ligar desenho à escrita.

Este tipo de história passou a fazer parte da vida dos alunos desta turma, que aproveitam o tempo entre uma atividade e outra para dar continuidade a sua história.

As primeiras criações eram inspiradas principalmente nas do mundo da turma da Mônica, produções de Mauricio de Sousa, agora o aluno cria com autonomia seu próprio texto e personagens, decidindo “o que dizer”, “quanto” “como dizer”.

Este tipo de texto mobiliza muito as crianças e é um estilo que traz à tona ações, diálogos, representação de cenas imaginárias.

O novo, o diferente pode nos entusiasmar fazendo com que o cotidiano ganhe um novo significado. Para a criação temos que ser autônomos, o que significa buscar em nós mesmos o sentido da vida e reconhecer no outro esta autonomia também.

Trabalhando com histórias em quadrinhos, percebi que a escrita e o desenho ganham características peculiares.

Ao trabalhar com alunos, precisamos manter um equilíbrio entre o que mais nos agrada e o cumprimento do currículo, diversificando assim a intervenção pedagógica, estabelecendo medidas que atendam às necessidades individuais de modo a criar condições adequadas ao processo de todos os alunos. (PCN, 1996).

De acordo com Vigostsky, podemos dizer que a fala colabora para a organização do pensamento da criança, ou seja, à medida que se expressa oralmente contando suas experiências ou inventando uma estória, elabora o texto de modo a apresentar início, meio e fim.

Idealizamos um jornal falado e mural a ser exibido mensalmente a todos os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, tendo como um dos objetivos, desenvolverem no aluno a cidadania afetiva atuante.

Os alunos, auxiliados pelos pais pesquisam em casa, recortes de jornais ou revistas, contendo notícias que possam interessar à turma. “O noticiário”, como assim chama nosso jornal, desenvolve a cidadania, o uso correto da escrita e da leitura, instiga o uso da pesquisa, socializam a turma, estabelecendo parceria entre escola, pais e comunidade.

Os professores, esporadicamente são entrevistados e questionados a respeito de atividades escolares, de cunho cultural, social, recreativo e até mesmo “fuxicos”, para que possam ser exibidas no mural, despertando o interesse dos colegas.

O jornal informativo que circula no nosso município, deixou de ser mais um “lixo” a ser lido pelos pais e jogado fora, conquistando a simpatia e o interesse da garotada, sendo capazes de entender algumas notícias é claro após várias leituras, discuti-las com os pais, professora e colegas, de acordo com seu conhecimento e ou entendimento, resolverem palavras cruzadas, se atualizarem quanto à previsão do tempo, saberem notícias de futebol, tema muito polêmico entre a turma.

Os alunos dominarão a escrita e a leitura resolvendo questões práticas, tendo acesso à informação, podendo assim desfrutar da literatura.

Cabe ao professor encorajar as crianças tanto a ler como a escrever, oferecendo-lhes oportunidade, tempo e materiais para que produzam.

Estes alunos da 4ª série são leitores assíduos e verdadeiros escritores de textos criativos e ou sugeridos por alguém. Continuo oferecendo farto e variado material para leitura, textos que circulam entre livros didáticos, gibis, literatura infantil, poesias, parlendas..., buscando ampliar cada vez mais sua visão cultural e sua reflexão social, desenvolvendo assim a capacidade de expressão. Para apresentar este tema, me reporte à fala de Kleiman: “porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si que a leitura é considerada um processo interativo”. (1999, p. 13).

A produção textual, quando trabalhada adequadamente, leva o educando a um universo mais amplo de informações e saberes, pois através dela ele estará construindo seu conhecimento.

Procuro sempre incentivar meus alunos por meio do diálogo e atitudes questionadoras que favoreça a leitura como processo mental, oferecendo exercícios de compreensão, interpretação e discussão sobre o que foi lido. Apresento quase que diariamente diferentes textos de diferentes gêneros literários para que o educando tome conhecimento de diversas formas de leitura e escrita.

Muitos pesquisadores atribuem a dificuldade na matemática à interpretação, fraca, errônea ou inexistente da leitura e entendimento das situações-problemas ou dos enunciados dos exercícios. Isto mostra a dificuldade e o domínio imperfeito da mecânica da leitura.

A cada dia que passa, frente à realidade com a qual convivemos neste mundo letrado e tecnológico, é urgente a necessidade da escola se adequar a este tipo de realidade, uma vez que decifrar letras, palavras ou frases, não satisfaz mais e nem permite a ação e convivência do educando com a sociedade. O livro hoje, se potencializa como realidade intermediária e suporte para o saber, servindo como trampolim para diálogos orais, poéticos, visuais, jogos e brincadeiras.

A escola pública onde exerço atividades de docência está muito aquém da modernidade e dos padrões exigidos pela sociedade e tecnologia, funcionando em situação precária, ainda não existe uso do computador pelo aluno, os únicos recursos pedagógicos são o livro texto, o quadro verde e o giz.

Neste momento aparece o espírito criativo do professor, com intuito de criar alunos críticos, pensantes e presentes na realidade da vida, o professor se lança a criar, inovar e por que não dizer inventar. Nesta sala de aula, apenas dois alunos possuem internet em casa e um consegue acessar na casa do vizinho. Não é possível, no entanto ignorar ou negar o valor desta ferramenta para o ensino aprendizagem e para a vida pessoal.

Os alunos, mesmo oriundos de famílias de baixa renda, com um nível de escolaridade de médio a baixo, estão cercados por informações desta natureza. Devendo estar preparados para mudanças, aptos a conviver e enfrentar realidades diferentes.

Improvizamos um computador, tendo como teclado um modelo de urna eletrônica, criado para ensinar eleitores como votar.

Tanto alunos como professora criou seu próprio e-mail, escrevemos mensagens (bilhete) que vão para o correio eletrônico (caixa) e uma vez por semana é entregue pela professora de acordo com o endereço. É mais um elo entre colegas

e professora, tornando o aluno cada vez mais letrado no mundo da tecnologia, fortalecendo o diálogo entre os atores do processo educativo.

Para simular a exploração da tecnologia, criamos um caderno personalizado, espécie de portfólio, onde o aluno faz o registro semanal de suas produções, aprendizagens, dúvidas, reflexões, devendo repassar a um colega para que faça comentário. Após, a professora recolhe os cadernos e baseada na postagem e no comentário do colega, faça sua avaliação. O portfólio serve como instrumento para que o professor possa avaliar os avanços do educando continuamente e em especial no final do trimestre, quando precisará emitir um parecer sobre estes. Esta avaliação é bastante significativa, pois revela o processo de aprendizagem de quem escreve e de quem comenta.

O uso do portfólio trouxe grande progresso quanto à elaboração de textos com idéias bem redigidas, o traçado correto da letra e a organização na hora de escrever. O uso da tecnologia, embora longe de ser o ideal, possibilitou aos alunos uma idéia, embora restrita de nova linguagem, de novas técnicas de comunicação, informação, lazer e aprendizagem.

Junto ao portfólio, anexamos uma ficha de acompanhamento, onde é registrado pelo professor, como está se desenvolvendo o processo educativo do aluno.

Nesta ficha, constam aspectos cognitivos, dificuldades de aprendizagens, providências tomadas pelo professor e a serem tomadas pelos pais e alunos para sanar as dificuldades, e aspectos gerais como: afetivo, de socialização, organização, atitudes, etc.

Cada atividade deixada de ser efetuada pelo aluno, também constará nesta ficha, acompanhada da data em que a falta ocorreu. Após cada notificação, o aluno assina como ciente e esta ficha é mostrada aos pais sempre que visitam a sala e entregue junto com o boletim, pois assim terão verdadeiro conhecimento do trabalho do professor e do desempenho do filho.

Os pais foram parceiros regulares, correspondentes privilegiados, enquanto destinatários dos escritos da aula: cartas, cartazes, convites, bilhetes, pedidos de receitas que lhe são endereçadas e na busca de material para leitura.

A falta de informática na escola, apesar de ser uma "lástima", se bem explorada pode se tornar em algo positivo, pois como sabemos, o uso constante da tecnologia afasta crianças e jovens do mundo da leitura, querem se apropriar

apenas de textos tecnológicos, cabe ao educador, não permitir que um atrapalhe o outro, mas que se unam sempre que possível transformando a criança de hoje num cidadão letrado e bem informado amanhã.

O uso da televisão muito contribuiu para que a leitura fosse vista e apreciada por outro ângulo, pois a apreensão globalizante da informação veiculada é incorporada em um processo dinâmico de mudanças, manifestadas não só no nível discursivo. Gestos, expressões faciais, movimentos do corpo, músicas, sons, se unem à palavra para comunicar uma nova aprendizagem.

Assim como a televisão, o dvd, o telefone celular o relógio digital, são ferramentas conhecidas pelos alunos e, por ser de fácil manuseio, crianças, jovens e adultos delas se apropriam, tirando sempre mensagens literárias, próprias para enriquecer seus conhecimentos. Estas são ferramentas que foram usadas por esta turma de alunos, onde sempre alguns ensinavam e outros aprendiam inclusive a professora.

Com o uso destas ferramentas de informação e um posicionamento completamente aversivo às formas tradicionais de ensinar, consegui através do diálogo e de experiências, aproximar meus alunos, mudando o “Eles estão em Outra” conforme Babim, pelos “Eles estão Nessa”. Querem inovar descobrir, desvendar, aprender.

4. IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO EDUCATIVO.

A família é o primeiro núcleo a impulsionar o gosto pela leitura, através da literatura infantil e ou cantigas de ninar, ministrada pela mãe mesmo antes do nascimento do “bebê”. Crianças que nascem num ambiente onde a leitura faz parte da vida, onde se cria ouvindo pais e irmãos contarem ou lerem histórias, com certeza terão uma aprendizagem facilitada.

Querendo despertar o gosto pela leitura dos mais diferentes gêneros literários, busquei junto à família subsídios importantes para a realização das mais diferentes atividades.

Antes mesmo de iniciar um trabalho sobre leitura propriamente dito, trabalhamos a família, pois de acordo com a linha construtivista que norteia minha proposta de trabalho, o ser humano desenvolve sua aprendizagem através das relações com o meio em que vive ou se relaciona. Embora os pais sejam os responsáveis diretos pela saúde física e emocional dos filhos, o educador durante o período em que está com os alunos, tem responsabilidade em observá-los e levar tal observação ao conhecimento da família.

Como minha turma é composta por alunos de diferentes etnias, enfoquei o tema ancestralidade, buscando referencial no texto “Em busca de uma ancestralidade brasileira”, do autor Daniel Mandacaru, que nos leva a reflexão do valor e influência que uma foto pode apresentar na revelação da história de cada um, a partir daí, solicitei aos alunos que trouxessem para a sala, fotos da família, desde as mais antigas gerações, procurando colher junto aos pais fatos que possibilitasse conhecer um pouco da sua história. A partir destes dados, expliquei que cada um carrega marcas físicas e ou psicológicas herdadas de uma família, povo e cultura.

O principal objetivo desta atividade é o reconhecimento de si e do outro como sujeito histórico, valorizando os diferentes grupos sociais e étnicos.

No dia em que íamos trabalhar sobre o texto e as fotos, ao chegar à escola, tive a oportunidade de conhecer os dois únicos pais com os quais ainda não tivera contato. Estavam preocupados e interessados em saber como seria dirigida esta “pesquisa”. Convidei-os a assistir a aula, não como meros ouvintes, mas como participantes ativos, opinando, esclarecendo dúvidas, confirmando certeza. Com auxílio destes pais, montamos a árvore genealógica relacionando fatos e fotos a pessoas e datas.

No final, os pais se mostraram gratificados, colocando-se à disposição em formar parceria com a escola e confessando que eles próprios aprenderam muito, pois buscaram informações nunca vistas antes em certidões de casamento e óbito.

Com a participação da família, idealizamos nossa primeira entrevista, onde cada aluno teve a oportunidade de elaborar perguntas de acordo com sua curiosidade, interesse e grau de entendimento, pois sabemos que tanto aprender a ler como a escrever pode ser uma experiência extremamente agradável e simples,

mas também penosa e frustrante. Após a elaboração das perguntas, estas serão escritas no quadro verde, para organizá-las de modo a não se tornarem repetitivas.

Conhecendo a realidade da turma e, apostando em sua capacidade, instiguei a agilização do pensamento, o uso do raciocínio reflexivo-crítico e a reformulação das mesmas perguntas, com enunciado diferente, porém sem ferir ou

frustrar a pergunta anteriormente elaborada, pois como aprendemos na elaboração do PA, não existem perguntas bobas, apenas mais ou menos produtivas. As perguntas serão copiadas pelos alunos, ficando assim estruturada a pesquisa.

Nenhuma criança deve se sentir incapaz de alcançar um objetivo, nem ser privada de ter suas perguntas aproveitadas “Nasceu gente, é inteligente”. Essa máxima de Jean Piaget (1896-1980) resume bem quão absurda é considerar um estudante incapaz de aprender.

Num primeiro momento percebi a limitação de vocabulário em determinados alunos quando usavam como início de pergunta sempre as mesmas palavras, o que, como, para que, as frases seguiam sempre o mesmo estilo.

O importante para mim no momento não era só compreender que palavras e que construções ou estruturas estavam sendo empregadas, queria que através da criação de hipóteses avançasse em seu aprender, pois quem estuda não deve perder nenhuma oportunidade, em sua relação com os outros, com a realidade, para assumir uma postura curiosa, a de quem pergunta, a de quem indaga e a de quem busca.

Sabemos que a riqueza do vocabulário desencadeia a riqueza da expressão oral e escrita.

A partir desta atividade e de outras, hoje os alunos usam a leitura oral com mais eficiência, de acordo com o nível, defendendo pontos de vista, relatando acontecimentos, formulando perguntas, adequando sua fala a diferentes situações formais.

Os alunos se tornaram mais comunicativos, com a autoestima mais elevada, depositando maior confiança em si e na professora.

O ato de ler, contar ou escrever histórias passou a fazer parte do seu cotidiano, que a partir do convívio com este hábito, passaram a ter um melhor domínio da língua oral e escrita, usando palavras diferentes e por vezes buscando

no dicionário palavras sinônimas da que queriam escrever, para assim enriquecer o texto. “Antes de qualquer tentativa de discussão de temáticas, de materiais e de métodos para uma aula dinâmica, é preciso, indispensável mesmo que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano”. (FREIRE, 1996, p.86)

A prática desenvolvida privilegiou o resgate de informações através da coleta de importantes dados, permitindo assim que cada aluno conhecesse e escrevesse sua história.

São próprias do ser humano querer ver realizadas e valorizadas suas atividades por mais simples que sejam. Com meus alunos a situação não é diferente.

Falando em família, todos queriam relatar fatos, fazer comparações, tecer e buscar elogios, por isso decidi dar continuidade ao tema, visto que só há aprendizagem quando há interesse.

Prosseguindo com o tema ancestralidade, buscando subsídio na linha do tempo, montamos gráficos com as idades do aluno até às bisavós, e “mapa conceitual”, em revistas, buscamos gravuras de pessoas que apresentassem algum traço físico semelhante aos familiares, justificando a escolha. Mais uma vez contamos com a valiosa ajuda dos pais.

Confesso que não foram aulas fáceis de serem trabalhadas, aliás, bem difíceis, pois exigiu bastante esforço, calma motivação e determinação. Como todas as famílias se conhecem, a escolha de figuras comparativas, gerou polêmica e discussões, trazendo novamente os pais até a escola, cito como exemplo um menino negro que comparou sua bisavó a uma idosa de pele clara. Os colegas não concordaram, os pais do menino explicaram que sua bisavó era de origem polonesa.

A partir deste tema estudamos em Estudos Sociais o cruzamento racial. Através do diálogo com pais e alunos desencadeou-se um processo de integração e socialização, relacionando a realidade destes com os saberes da escola.

A partir destes encontros, os alunos começaram a ajudar-se entre si, o diálogo aumentou, todos se preocupavam com todos os espíritos competitivos foi substituído pelo cooperativo. Foi notável o crescimento da turma, o interesse dos pais, a integração família x escola, a partir do momento que se conheceu a realidade de cada um.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Como educadora, me encontro e me realizo, de forma mais plena trabalhando com séries iniciais do Ensino Fundamental, principalmente com alunos de 4ª série que apresentam uma mente mais aberta para o saber. Acredito e aposto que no seu olhar infantil, estão explícitos seus medos, dúvidas, curiosidades, descobertas e alegrias.

Ao desenvolver atividades onde o aluno realmente se apropria e entende a linguagem escrita, o professor faz a mediação para que possa refletir analisar e compreende-la.

No decorrer deste período letivo, a 4ª série desta escola pública passou por uma considerável melhoria de qualidade em suas produções textuais.

A partir do momento em que foram oportunizadas diversas atividades de escrita e reescrita de textos, leituras orais e silenciosas dos mais diferentes gêneros literários, cópias e interpretações significativas, de cunho cultural, passei a perceber as mudanças e avanços na produção textual. Para alcançar este patamar, muita leitura foi realizada, dos mais diferentes gêneros literários, envolvendo as mais variadas dificuldades, pois, não existe a possibilidade de alguém falar ou escrever sem usar regras da gramática de sua língua, não há, pois, razão para que se conceda primazia ao estudo das classes gramaticais isoladas.

Para que o indivíduo se expresse através da escrita, é fundamental que exista uma seqüência, pois esta prática não ocorre de uma hora para outra, mas sim no decorrer de um processo que deve ter início mesmo antes da criança ter contato com o ambiente escolar.

Quanto mais ricas forem as experiências de leitura e de escrita, maiores e melhores serão as possibilidades de educando se expressar de maneira correta, pois, "Aprende-se a escrever, escrevendo".

Desenvolver um tema inovador, com uso constante da leitura, um pouco contra a metodologia da escola, foi desafiante, desgastante e comprometedor. Foi um ato de coragem.

De início, fui muito questionada por colegas, equipe diretiva e pais sobre o desenvolvimento de conteúdos, sobre o que usaria para aplicação de provas, para destinar notas.

Embora sabendo o que queria, me sentia um tanto sem recursos para chegar lá. A escola defende o ensino das normas gramaticais e de toda sua nomenclatura na área fonética, da morfologia ou da sintaxe sem relação com a prática da leitura e de produção textual. Não exige do aluno qualquer reflexão sobre o funcionamento da língua.

O que eu acredito e queria provar demonstrando, é que o ensino da gramática serve como subsídio para que o aluno aperfeiçoe suas práticas de leitura e de produção.

Como educadora, jamais me limitarei a contar histórias selecionadas, seguindo sempre o mesmo critério, seguindo exatamente o que nos determina o “autor”. Irei além, buscando algo que possa enriquecer nutrir o mundo imaginário das crianças, ajudando-as a conectar-se em maior profundidade com o seu ser e com o mundo.

Acredito que num curto espaço de tempo, a escola vai se surpreender com os resultados positivos que aparecerão no cotidiano da sala de aula, provocados pelo trabalho do educador e pelo desejo do aluno em entrar no universo da leitura, pela porta do prazer e não da obrigatoriedade.

Aprendi que: “Sem esforço de nossa parte jamais atingiremos o alto da montanha”. Não desanime no meio da estrada: siga em frente, porque os horizontes se tornarão amplos e maravilhosos à medida que for subindo. (PASTORINO, 1997, p.74).

Neste final de curso, posso afirmar que muitas etapas da minha vida foram vencidas, mesmo que muitas tenham sido enfrentadas “a ferro e fogo”.

DIÁLOGO, palavra chave de todo o meu trabalho. Através deste, do conhecimento prévio dos educandos, do ambiente familiar, da valorização do ser humano e dos desafios, está sendo possível desenvolver um trabalho de qualidade. Sei que “Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender”. (CURY, 2003, p.16)

Ainda na mesma linha de pensamento, Cury ressalta que os professores fascinantes devem “.EXPOR e não IMPOR suas idéias, consciência crítica, capacidade de debater, de questionar, de trabalhar em equipe”. (p.68)

Durante o curso, muitos aprendizados foram conquistados e aplicados em “cobaias”, meus alunos, principalmente a 4ª série.

Relendo meu portfólio, minhas postagens, e principalmente o relatório do estágio, me surpreendo com o crescimento da turma, com a diversidade de materiais e técnicas usadas, com minha coragem e determinação, com a participação e apoio dos pais, com dúvidas e críticas de colegas professores que mesmo sendo portadoras de nível superior, por acomodação, medo ou comodismo ainda continuam seguindo o jogo de vencer conteúdos, terem os alunos mais quietos da escola, aqueles que tudo aceita que é submissa a toda ordem.

Esta 4ª série, que no início do ano foi considerada por mim como não alfabetizada por não ter o poder de interpretar, de ler com fluência, de dialogar, defendendo seus pontos de vista, hoje, a partir do resgate de sua identidade, da valorização dos conhecimentos prévios, de assuntos de seus interesses, de dúvidas resolvidas e principalmente através da leitura se apresenta como letrada: capaz de ler o mundo! Nunca é demais lembrar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, tal como ensinou o mestre Paulo Freire (1996).

Essa turma, como qualquer outra não é totalmente homogênea, nem todos aprendem do mesmo modo num mesmo período de tempo, mas conseguem cada um dentro do seu ritmo, da sua capacidade de aprendizagem, considerando seus limites, dar uma resposta positiva ao que é instigado, provocado ou ensinado pelo professor, possibilitando assim se dizer que houve aprendizagem.

No início do ano, além da dificuldade na leitura, outro fator preponderante era o mau uso da escrita. Os alunos não gostavam de escrever ou desenhar, habituados estavam com o uso do xérox, mal sabiam fazer uso de sinais de pontuação, a caligrafia era completamente impossível de ser lida, além de erros de concordância verbal e nominal. Este problema foi solucionado com o uso do caderno de cópias, que exigia o máximo cuidado em copiar certo e possibilitar a leitura pela professora, sem contar que deveriam ler diante da turma e para isso deviam atentar ao modo correto de escrever. Este trabalho, criticado por muitos, porém elogiado pelas coordenadoras do estágio curricular, foi o responsável direto pelo crescimento cognitivo, emocional, cultural e pelo desenvolvimento da turma.

Trabalhando todas as interdisciplinas, tendo como base a leitura, verificou-se que o ato de ler deveria ser o mais importante dentre todas as atividades do homem, dentro ou fora do contexto escolar, pois oferece caminhos para a própria

condição humana ao teorizar, explicar e até provar que podem contribuir com a solução de conflitos interiores e de caráter social.

Ler é subsídio prioritário para o poder de argumentação, da exposição de idéias, de seqüência lógica de pensamentos, imprescindíveis na oralidade e na produção textual.

De acordo com o que diz o professor Cereja: “Afinal, se o negócio é ler por prazer, não há sentido em exigir tarefas que não têm nenhuma relação com isso” (2006 p.32-33).

O uso do portfólio, (caderno) foi de grande valia, na hora da avaliação, pois no momento em que nos dispomos a construir sujeitos autônomos, é necessário que o aluno exercite a reflexão sobre seu próprio processo de aprendizagem e socialização. A avaliação feita pelo aluno em seu portfólio foi muito construtiva, por favorecer uma análise crítica do próprio desempenho, no momento em que expressava o que mais ou menos gostou e por quê; quanto acha que aprendeu; em que teve mais dificuldade ou facilidade, o que gostaria que fosse retomado, o que em sua opinião, deveria ser feito para melhorar seu desempenho.

Nesse processo é necessária muita atenção por parte do educador. Ele precisa estar atento aos “avanços” e “tropeços” das crianças para assim poder auxiliá-las.

A turma, em sua maioria desenvolveu o ato de estudar em casa, fazer temas e ler, isto é algo extraordinário, o ler para estudar é um ser vivo e se percebe nele a pureza, a grandeza e a dignidade da própria vida. Os alunos foram cientificados desde o início que estavam aprendendo a estudar além do conteúdo propriamente dito. Eles sabiam muito bem que as atividades que aprendiam, faziam parte de um conjunto de ações destinadas a melhorar seu rendimento no estudo de qualquer disciplina, não apenas daquela em que a professora as utilizava.

A compreensão dos colegas professores, aos poucos foi sendo assimilada, apesar de algumas inseguranças iniciais. Os professores foram se apossando do “método” e rapidamente perceberam a melhoria no desempenho dos alunos.

O que no início do ano letivo parecia impossível, no final demonstrou grande avanço, chegando-se a ouvir o seguinte depoimento de uma professora: “Resisti, pois o desconhecido me assusta, mas insisti e consegui desenvolver mais conteúdos do que nos anos anteriores, porque os alunos através da leitura

produziram mais”. Como vimos o conteúdo não foi deixado de lado, muito pelo contrário, porque com o maior desempenho dos alunos, que desenvolveram sua autonomia, os professores terminaram por se desgastar menos, enquanto os alunos aprendiam mais.

O trabalho realizado com esta turma de alunos evidenciou avanços e mudanças na habilidade de escrever, bem como na de ler com fluência.

A citação seguinte resume minhas experiências.

*De tudo o que vivi durante este período de vida, ficaram três coisas:
A certeza de que estamos sempre começando;
A certeza de que é preciso continuar
A certeza de que em alguns momentos seremos interrompidos antes de
terminar;
Fazer da interrupção um caminho novo,
Da queda, um passo de dança.
Do medo, uma escada.
Do sonho, uma ponte.
Da procura, um encontro. Fernando Sabino.*

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: **Gostosuras e bobices**. 2ª ed. São Paulo:
- ALVES Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: O dilema da educação**. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos PCNS. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos **Alfabetização e lingüística, Pensamento e ação no magistério**. São Paulo, Scipione. 10ª ed., 2004.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 7. ed. São Paulo: Scipione, 1994.
- CURTO, Luiz Maruny; MORILLO, Maribel Ministrál; TEIXIDÓ, Manuel Miralles. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. V. 1.
- CURY, Augusto. **Pais brilhantes e professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2003.
- DEMO, Pedro. **Desafios modernos na educação**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DURANTE, Marta. **Alfabetização de Adultos: Leitura e Produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- Encontro com Emília Ferreiro e Ana Teberosky, **Uma homenagem aos 20 anos do livro psicogênese da língua escrita**. Palestra traduzida e transcrita por Noely Klein Varela. Porto Alegre: Auditório do IPA, 27 ago.1999.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese de língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 4ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo. Ed.Scipione, 2 ed.1991.
- GIROUX Henry. **Os professores como intelectuais. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. São Paulo: Fontes, 2000.

LEI DIRETRIZ E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Lei 9394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm

MONTEIRO, Ana Márcia Luna. SEBRA- SSONO- PESSADO-ASADO” o uso do “S” sob a ótica daquele que aprende. In: MORAIS, Artur Gomes (org). **O aprendizado da ortografia.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MORAIS, Artur Gomes. **Ortografia: ensinar e aprender.** São Paulo: Ática, 1998.

PASTORINO Carlos. **Minutos da sabedoria.** Editora Vozes: 1997.

PERROTI, Edimir. **Confinamento cultural, infância e leitura.** São Paulo: Summus, 2006.

TEBEROSKY, Ana, Liliana. Bases Psicopedagógicas da aprendizagem da leitura e da escrita. In: In: TEBEROSKY, Ana; CARDOSO, B. (orgs.) **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita.** Campinas/SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas; Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

TEBEROSKY, Ana, Liliana. Compôr textos. In: TEBEROSKY, Ana, Liliana (org). Além da alfabetização: **A aprendizagem fonográfica, ortográfica, textual e matemática.** São Paulo: Ática, 1996.

TEBEROSKY, Ana, Liliana. **Psicopedagogia da Linguagem Escrita.** 5. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.

TEBEROSKY, Ana, Liliana; CARDOSO, B. (orgs.) **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita.** Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 1993b.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ANEXOS



Anexo 1-Cartaz sobre direitos e deveres do aluno



Gordon Ruffiniani
 O mundo

Se o mundo fosse um jogo uma diversão para bom e ruim.
 Bom pois que eu poderia jogar para qualquer lugar que eu quisesse
 e o ruim é que os lugares seriam como um jogo como a
 vida e a morte e a vida dos habitantes não seriam boas.
 Eu acho que proibido seria andar de carro em suas velocidades,
 mudar casa, mudar pessoas.
 As coisas que seriam proibidas é comprar cigarros, chocolate.
 Se eu fosse o presidente eu não deixaria ter cigarros e chocolates
 seria melhor porque eles seriam se viciados em outros drogas.

Anexo 2--Desenho e texto livre



Anexo 3-Fotos de pontos turísticos e reflexão da aula do dia 15 de abril. (estágio curricular)

REFLEXÃO

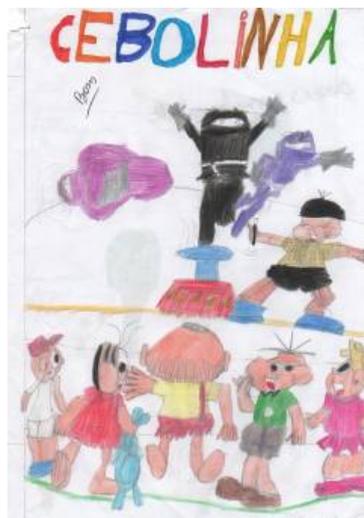
O nosso passeio foi muito mais significativo do que imaginei, queria mostrar as belezas de Itati, ver casas antigas e plantações de flores, o que

imaginávamos ser um passeio, transformou-se em legítima aula de história, onde diversidade cultural, etnias e a verdadeira história de Itati foram abordadas.

O sítio da Figueira tem como proprietário o Pastor Helio Muller, capelão por muitos anos em nosso município, residindo atualmente em Florianópolis e que veio prestigiar com sua presença a Semana do município. Por um longo período de tempo, ou melhor, todo o tempo que tínhamos disponível, conversamos com este Historiador, que passou a falar sobre Itati.

As crianças ficaram admiradas, porem atentas e participavam ativamente debatendo, questionando ou apenas escutando.

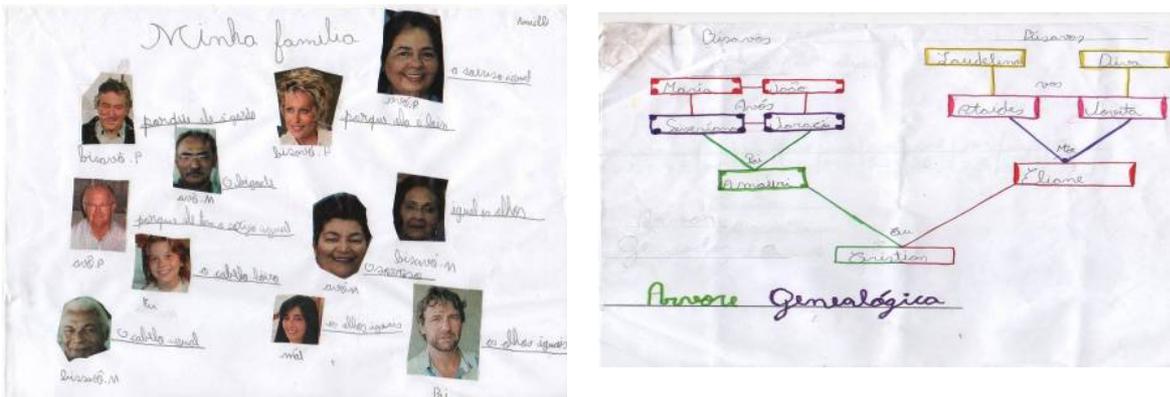
Ao voltarmos para a escola pude perceber o interesse pelo que ouviram, e o desejo de conhecerem mais, agregando novas perguntas à entrevista elaborada para ser realizada com os pais.



Anexo4 - História em quadrinhos e reflexão do dia 05 de maio (estágio curricular)

REFLEXÃO

De início, preciso contar do meu contentamento ao chegar à escola com 10 minutos de antecedência ao horário de início das aulas e ser recepcionada pelo “professor” Pedro. Estava bem trajado e trazia uma maleta, (do pai, vereador), onde continha o material que seria usado. De imediato, percebi que seus cabelos compridos haviam sido cortados e teci comentários. Tive como resposta que não ficava bem chegar assim na sala de aula, que não teria perfil de professor.



Anexo 6 - Representação da família, árvore genealógica e reflexão do dia 27 de abril.

(Estágio curricular)

REFLEXÃO

Para mim como professora, não foi uma aula muito simples, alias, exigiu bastante esforço, calma e força de vontade. Como toda a turma se conhece, a comparação dos membros da família com as gravuras, gerou situações problemáticas, onde algumas crianças, por problemas familiares, procuravam omitir a fisionomia do pai, mãe, apresentando gravuras diferentes. Os revidavam, dizendo que estavam trocando de identidade.

Um menino negro apresentou como bisavó uma idosa clara e a turma contestou. Se tu és negro, como tua bisavó vai ser tão branca? O menino procurou na entrevista e confirmou que sua bisavó era polonesa. Então, fiz minha intervenção explicando e respondendo.

No final do período pude verificar o quanto este trabalho serviu para integrar o grupo, satisfazendo a todos, pois conheceram fatos que desconheciam e que talvez por isso nunca tinham se preocupado em buscar informações.